GRANDES ENTREVISTAS – RAUL ROCK SANTOS
SEIXAS/Isaac Soares de Souza-(Organizador)



(Raul Seixas tomando uma gelada e brindando a ocasião etílica)

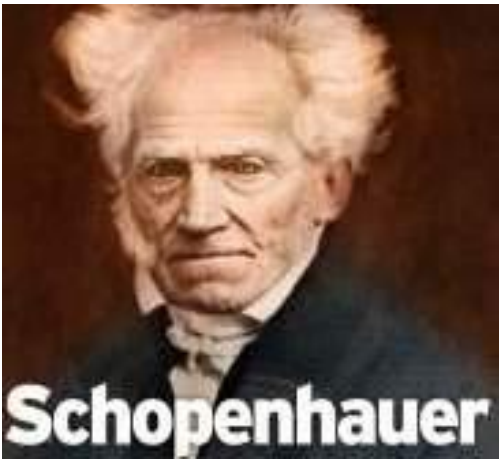
***Organizei nestas páginas, as grandes entrevistas que Raul concedeu em vida a revistas de música nacionais, tais como Revista Bizz, Pop, Jornal O Pasquim, etc., que são poucas, mas suficientes para que a nova geração de raulseixistas aprenda um pouco mais sobre o pensamento desse baiano genial, que jamais se curvou às propostas indecentes do poder e que sempre cantou o que ele vivia. Sua música é um retrato vivo de sua própria alma, Raul era o que ele cantava, sem**

nenhuma máscara negra ou capuz, sem jamais se travestir de cordeiro de holocausto, como faz a maioria dos cantores brasileiros e mundiais, que cantam aquilo que eles jamais viveriam. Mais de duas décadas depois de sua morte, Raul Seixas permanece vivo e ativo na memória de seus admiradores, que a cada ano cresce assustadoramente. Uma verdadeira mosca na sopa dos desavisados e do poder. Daqui a um século ou mais, quando a verdadeira história do rock nacional for realmente escrita e contada, certamente o nome de RAUL SEIXAS encabeçará a historiografia. Porque até agora foram escritos esboços e nacos da verdadeira história do rock tupiniquim, imberbe, burro e desprovido de qualquer bandeira da contestação, do comportamento, da verdade. Raul foi o único artista brasileiro a travar uma guerra contra a idiotice humana, contra o poder institucionalizado, sem nunca ter feito uma música de protesto político. Sua verve criadora e guerrilheira o levou a veredas escuras da alma humana. Na verdade, o que ele tentava ensinar ao homem era a libertação total de seu eu. Quando inquirido sobre o que pregava, Raul respondia à altura

da imbecilidade de tal pergunta: "Prego pregos e muito mal..." É necessário discorrer mais sobre a obra musical, poética e filosófica deste senhor da guerra humana? Nas poucas e raras entrevistas que você, leitor e fã-(nático), terá o prazer de ler e degustar os pensamentos de Raulzito Seixas, certamente poderá aprender muita coisa do que está inserido na música e na filosofia desse baiano que virou mito. Boa Leitura.

Isaac Soares de Souza (Organizador)

Arthur Schopenhauer



Arthur Schopenhauer, nascido em 22 de fevereiro de 1788, foi um grande filósofo alemão. Sua filosofia esteve à frente de seu tempo, não se encaixando em nenhum dos grandes sistemas da época. Conhecido principalmente por seu pessimismo, Schopenhauer influenciou diversos escritores e filósofos. O filósofo alemão foi a **principal influência** de Raul Seixas, bem mais do que Aleister Crowley. No entanto, Raul nunca

admitiu com todas as letras essa influência. Mas Schopenhauer sempre foi sua **grande fonte**, de *Trem 103* (1968) a *Nuit* (1989). Aliás, *Nuit*, divindade egípcia, é uma alusão a Khishna e traz um trecho do capítulo *Morte* do livro *Dores do Mundo*, de Arthur Schopenhauer:

Quão longa é a noite do tempo sem limites, comparada ao curto sonho da vida. (Schopenhauer)

Schopenhauer também foi responsável pela aproximação de Raul com a **mitologia indiana**, que segundo o filósofo, é a mais sábia das mitologias. O hinduísmo que influenciou Schopenhauer acabou influenciando Raul Seixas. A **dualidade** é uma forte característica da crença hinduísta. Shiva, o deus da criação, também é o deus que traz a destruição. E esta dualidade também está presente nas músicas do cantor baiano.

Mas a principal influência de Schopenhauer é o conceito de **morte-renascimento**, presente em toda a obra de Raul. É o *querer voltar por onde vim*, cantado em *Trem 103*. É o *Trem das 7* que traz a Morte e a Vida. É a **mosca na sopa**:

***Se a mosca, que agora zumbe em torno de mim, morre à noite, e na primavera zumbe outra mosca nascida de seu ovo, isso é em si a mesma coisa.* (Arthur Schopenhauer)**

Essa sempre foi uma das grandes mensagens de Raul Seixas. Vida e Morte são os dois lados da **mesma moeda**. Um não pode existir sem o outro, já que ambos se completam. A morte é algo tão natural quanto a vida e por isso não deve ser temida, pois quando o homem teme a morte, **deixa de viver**.

Arthur Schopenhauer faleceu em 21 de setembro de 1860.

O dia teima em amanhecer-me.
Os pombos da janela arrulham
Sem trazer-me o conforto
De uma mensagem audaz.

Desenho meus momentos
Sem ansiar por rimas.
Vozes veladas de veludo verde
Voa vento...
À vontade e despido
Nu ante as arquibancadas
Marina não se mostra
Oswaldo noctivagando...
Presa fácil da minha cerebrotônica labilidade
À terrível lucidez do medíocre.
Negar que é pestilento, jamais.
O mais e o mesmo são valoráveis.
Porém da nada se extrai
Da média-ocridade
Idade da pedra.
Me incomoda

A dúvida que, mascarada em cão,

Ladra e morde enfermamente. NÃO.
Não quero interferências banais
Interferindo no meu espírito.

Entrevista com Raul Seixas (1986)



Entrevista de Raul Seixas concedida à jornalista Luísa de Oliveira e publicada na revista BIZZ em janeiro de 1986.

Recém-chegado de uma miniturnê transamazônica, quando tocou até nos garimpos de Serra Pelada, o grão-vizir do

rock brasileiro recebeu Luísa de Oliveira e Aligê Vogt para uma das mais reveladoras entrevistas de sua carreira. Temas como sua prisão no governo Geisel, os contatos com John Lennon, a importância de se levantar a gola da camisa e de não abrir as pernas para as caixas registradoras. Sem mais delongas, Raul Seixas:

BIZZ - Como foram os shows na Amazônia?

Raul Seixas - *Fantásticos, os garimpeiros ficaram alucinados. Eu li todo o manifesto da* ***Sociedade Alternativa*** *(Faze o que tu quiseres, será tudo da Lei) e eles aplaudiram a cada palavra. Mas o pessoal que manda mesmo é uma bandidagem danada. Barra pesadíssima.*

BIZZ - Você tem uma banda fixa?

Raul Seixas - *Procuro sempre conservar o pessoal que toca comigo, mas existe*

também um critério que diferencia músicos de show e músicos de estúdio. Estes eu uso sempre os mesmos: Paulo Cezar Barros, Ivan Mamão, do Azimuth (o baterista Ivan Conti). É gente acostumada a plugar, ir até a mesa de mixagem, fazem o trabalho deles e ganham por hora. Músico de show não, vive a aventura de cair na estrada.

BIZZ - O Wagner Tiso já tocou com você?
Raul Seixas - *Tocou sim, em 73. Foi uma experiência estranha. Ele, o Fredera do Som Imaginário, só gente da bossa nova... e saía rock. De vez em quando ele dava um acorde errado para eu sair do tom. E olhe que eu ainda cantava em inglês! (risos).*

BIZZ - Quando você começou a ouvir rock and roll pra valer?

Raul Seixas - *Eu já tocava profissionalmente aos 10 anos nos* ***Relâmpagos do Rock****... Eu tinha um amplificador que era um rádio de válvula do meu avô, adaptado pelo meu pai. O fio era curto e a gente tinha de ficar preso ao rádio. Isso em 54, 55. Ninguém sabia o que era rock. Eu tocava e me atirava no chão, imitando o Little Richard, como eu via nos filmes que os americanos passavam. E sempre notava que as primeiras filas ficavam vazias. É que as mães pensavam que eu era epiléptico, com meu topete de brilhantina e camisa aberta com gola levantada. Tocamos assim até 66, quando fui gravar* **Raulzito e Seus Panteras***. É um disco tão bonito, eu tinha voz de tenorino.*

BIZZ - Como era o rock baiano na época?
Raul Seixas - *Eram poucos os conjuntos... The Gentlemen, Os Ninos, onde tocava o Pepeu. Até dei uns cascudos nele por*

roubar meus acordes (risos). Mas o pessoal que vinha do Rio ouvia falar de um grupo baiano que mais entendia de rock and roll. Assim, acompanhamos todo mundo da Jovem Guarda (eles viajavam sozinhos): Ed Wilson, Roberto Carlos, Wanderléa, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso. Mas eu gostava era dos Jet Blacks, que eram assim meio Ventures.

BIZZ - Os direitos autorais valem a pena?
Raul Seixas - *Valem, sim. Eu gosto muito de gravar, mais do que de dar show. Estou mais para cientista – gosto de ficar brincando com os tubinhos de ensaio dentro do estúdio, ver explodir e dar aquela risada, que nem aquele cachorro que ri à la Mutley (o personagem Rabugento do desenho animado Corrida Maluca). Prefiro ver tudo explodir do que me expor.*

BIZZ - Você não gosta do palco?
Raul Seixas - *Eu curto o palco, na hora em que eu entro acaba tudo. Como disse John Lennon:* Eu vomito toda vez que vou subir ao palco*. Mesmo aos 40 anos, ainda fico nervoso!*

BIZZ - Como era tocar rock nos anos 50?
Raul Seixas - *A bossa nova surgiu junto com o cha-cha-cha, e o rock and roll, junto com uma influência do calipso. Era chique tocar bossa nova, e o cha-cha-cha até que era permitido. O rock era outra história: eu tinha que ir até o clube das empregadas para dançar com elas. A empregada lá de casa era minha fã. Chegou uma vez para a minha mãe e disse que tinha dançado comigo. Minha mãe quase morreu... E eu ia dançar também com o pessoal da TR, uma transportadora de lixo. Era a moçada que curtia rock. A bossa nova era com o pessoal do Teatro Vila Velha. Na*

sociedade não se falava em rock, era coisa de empregada.

BIZZ - Você era marginalizado por isso?
Raul Seixas - *Se era! Eu frequentava o late e o Tênis, que eram os clubes mais metidos a besta de Salvador. Chegava de camisa vermelha, com gola levantada, e ficava num canto tomando cuba-libre enquanto os outros dançavam. Mas não me importava, me achava importante, tipo "tô revolucionando tudo".*

BIZZ - E o que você acha do rock agora?
Raul Seixas - *Dizem que se faz rock and roll por aí. Pra mim, ele morreu em 59. Rock and roll era um comportamento, James Dean, todo um momento histórico. Aí veio o caos, quando as indústrias não podiam mais parar de fabricar discos. Quando entrou a década de 60, botaram Chubby Checker para cantar* Hava

Naguila, *inventaram o hully-gully e o twist, tudo invenção de fábrica. O movimento já tinha passado. Eu chamaria de rock o que existe agora. Do Led Zeppelin, por exemplo, eu gosto – é uma abertura para se dizer algumas coisas. O pior é que no Brasil não se está dizendo nada. Acho que voltamos àquela época de Cely e Tony Campello, em que se fazia rock papai e mamãe. Mas tem o Kid Vinil querendo fazer um rock mais antigo... ele entende muito de rock.*

BIZZ - Você não gosta de mais ninguém?
Raul Seixas - *Gosto do Camisa de Vênus. A arte é o espelho social de uma época. As letras acabam inseridas dentro do ponto de vista do que está acontecendo, tipo Nova República (risos). A TV Globo controla esses conjuntinhos todos.*

BIZZ - E você?

Raul Seixas - *Eu continuo fazendo meu trabalho. Você vê o* **Metrô Linha 743** *(disco lançado em 1984), ele foi completamente podado pela Som Livre. Aliás aproveito esta entrevista para pedir rescisão do meu contrato. Quando eu gravei o LP, fui para os EUA e gastei 8 mil dólares do meu dinheiro para pesquisar filmes em preto e branco. A música* **Metrô Linha 743** *é preta e branca. Ela é de pau e briga, não tem nada de colorida. Aí eles não tocaram, não divulgaram. Ficou por aí...*

BIZZ - E você quer continuar dando murro nessa ponta de punhal?

Raul Seixas - *Quero e quero, vale a pena. Caso contrário, não durmo à noite. Estamos vivendo uma época caótica mesmo, mas este caos é o prenúncio de uma nova era. De dez em dez anos, ou de quinze em quinze, as coisas mudam. Nada de Nova República, nada disso... As coisas*

mudam no planeta Terra. Como aconteceu nos anos 50 com a geração pós-guerra.

BIZZ - E a *Sociedade Alternativa*?

Raul Seixas - *Continua vigorando o tempo todo, não importa de que maneira. São alternativas concretas mesmo, que têm de se solidificar. Mas não mais com palavras, nem com porta-estandarte... Até fui expulso do país por isso.*

BIZZ - Chegaram e literalmente mandaram embora?

Raul Seixas - Literalmente *é choque no saco. Fui torturado mesmo no governo Geisel. Me pegaram no Aterro do Flamengo, me botaram uma carapuça e fiquei três dias num lugar desconhecido. Aí vieram três pessoas: um bonzinho, outro mais inteligente – que fazia as perguntas – e um mais* agreste*, mais violento. Depois me colocaram num*

aeroporto e fui direto para o Greenwich Village (bairro novaiorquino).

BIZZ - Foi lá que você teve contato pessoal com John Lennon?

Raul Seixas - *Eu já me correspondia com ele. Eu e o* ***Paulo Coelho*** *(letrista, parceiro de Raul). Ele estava com um movimento chamado* **New Utopia***. Conversamos sobre tudo isso e sobre as grandes figuras do mundo. Ele ficava me perguntando sobre História do Brasil, queria saber quem tinha sido Dom Pedro.*

BIZZ - Vocês chegaram a armar alguma coisa juntos?

Raul Seixas - *Não, porque eu tive de ir para a Geórgia. Assim que voltei, o pessoal do consulado brasileiro veio em casa dizer descaradamente que* **Gita** *estava fazendo o maior sucesso, que era para eu voltar, era patrimônio nacional.*

Mas vi muita coisa por lá. Toquei com Jerry Lee Lewis em Memphis, numa boate, ele me acompanhando no piano e eu cantando Long Tall Sally*, de Little Richard. Os americanos batiam palmas, pediam mais, enquanto eu me dizia:* que diabo estou fazendo aqui? Um baiano cantando rock em Memphis!*. Fiquei doido.*

BIZZ - Nas gravadoras a sacanagem sobrepuja a honestidade?
Raul Seixas - *Sim. Eu pulei de uma para outra porque nunca tive controle, nem com quem falar. A Som Livre é a pior de todas...*

BIZZ - Então com quem você fala?
Raul Seixas - *Com o público, que realmente me entende. Tenho um trabalho quase pronto para um disco novo.*

BIZZ - Como vai ser?

Raul Seixas - *Antes de tudo, um disco raulseixista. Depois, um barrocorock. Vou utilizar alguns dos instrumentos que vocês viram aí, medievais e renascentistas, mas que se adaptam muito bem à cozinha baixo elétrico/bateria.*

BIZZ - E o ***Rock das 'Aranha'***, ele ainda continua censurado?

Raul Seixas - *Continua. Sabe o que eu tenho vontade de fazer? Um compacto com* Mamãe Eu Não Queria Servir o Exército *de um lado e* Rock das 'Aranha' *de outro. O problema é que um é da Som Livre e outro da CBS (canta:* Mamãe eu não queria...*) Sabe que é o maior sucesso quando eu toco isso? Todo mundo canta. E não toca no rádio.*

BIZZ - Qual seria a banda dos seus sonhos?